

Num tempo record



ditaminaram sentença os Julgados da Corunha. Apenas seis dias após o juízo, quinze pessoas, familiares de Diego Vinha (a sua mãe, a sua tia e a sua prima), outras mães de pessoas mortas baixo custódia e várias solidárias resultaram condenadas a um total de 10.800 euros.

720 euros por pessoa mais as custas judiciais, e de não pagar, a pena multa substitue-se por três meses de prisão. Eis a condenação por uma concentração na que não houve incidentes e na que não se identificou a ninguém in situ, por brincar “A Guarda Civil tortura e assassina”, diante dos agentes do quartel de Arteijo, onde apareceu morto Diego aos 22 anos de idade.

A Guarda Civil apresentou-se como vítima de “injúrias” e “obstruída do direito ao culto” num juízo em que às encausadas não se lhes permitiu nomear a sua necessidade de esclarecer a morte de Diego, “Esa no es la cuestión, aquí estamos para juzgar un delito de injurias a la Guardia Civil”, recalçou o juiz.

Em Setembro de 2004 Diego aparece morto no quartel após ser detido. A inverosímil versão do instituto militar é que se aforcou nos calabouços com as suas calças. Mas durante a investigação o próprio sargento reconheceu que as calças foram deitadas no lixo, e que as câmaras de vigilância estavam desligadas. Desde então família e solidárias concentram-se contra os atrancos à investigação e o silêncio mediático, cada 12 de Outubro -dia do Pilar, patroa da Guarda Civil- diante da igreja paroquial onde o corpo armado celebra uma missa católica.

Frente à criminalização da dignidade das famílias e solidárias, solidariedade imparável!

Seguimos queremos saber, como morreu Diego.